Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

SEÇÃO ARTIGOS

Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema

Scouting the Cinematic Landscape: an analysis of the geographical readings of cinema

Explorando el Paisaje Cinematográfico: un análisis de las lecturas geográficas del cine

DOI: https://doi.org/10.22409/eg.v11i24.62549

Pedro Paulo Pinto Maia Filho[1]
Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)
Bahia, Brasil.
e-mail: pedro.maiafilho@univasf.edu.br

Resumo

O cinema é uma das representações artísticas que mais vêm sendo estudadas na Geografia, principalmente enquanto um recurso didático. No entanto, muitas interpretações realizadas por geógrafos se centram na análise da narrativa, ou seja, de como a história do filme trabalha com temas de interesses geográficos. No presente artigo apresentaremos autores que fazem a análise geográfica do cinema incorporando um conjunto de noções que compõe a linguagem cinematográfica, expandindo assim a possibilidade interpretativa deste meio. A representação cinematográfica possui uma linguagem, ou seja, um rico conjunto de códigos e convenções que produz sentidos para além da narrativa. Portanto entender o papel de elementos cinematográficos como enquadramento, ângulo e movimento de câmera, entre outros, são cruciais para compreender a produção da espacialidade fílmica. A paisagem, com suas acepções estéticas e representacionais, será tomada como um conceito mediador na aproximação entre Geografia e Cinema, entre a representação e a experiência do espaço.

Palavras-chave:
Geografia e cinema; Paisagem; Geografia Cultural

[1] Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Mestre e Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544

Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia
Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

Cinema is one of the artistic representations that have been most studied in Geography, especially as a teaching resource. However, many interpretations made by geographers focus on the analysis of the narrative, that is, how the film's story deals with geographical themes of interest. In this article, we will present authors who perform a geographical analysis of cinema by incorporating a set of notions that make up the cinematographic language, thus expanding the interpretative possibility of this medium. Cinematographic representation has a language, that is, a rich set of codes and conventions that produce meanings beyond the narrative. Therefore, understanding the role of cinematographic elements such as framing, angle, and camera movement, among others, is crucial to understanding the production of filmic spatiality. The landscape, with its aesthetic and representational, meanings will be taken as a mediating concept in the approximation between Geography and Cinema, between the representation and the experience of space.

Keywords

Geography and cinema; Landscape; Cultural Geography

Resumen

El cine es una de las representaciones artísticas que más se han estudiado en Geografía, especialmente como recurso didáctico. Sin embargo, muchas de las interpretaciones realizadas por los geógrafos se centran en el análisis de la narrativa, es decir, en cómo la historia de la película aborda temas de interés geográfico. En este artículo, presentaremos a autores que realizan un análisis geográfico del cine incorporando un conjunto de nociones que conforman el lenguaje cinematográfico, ampliando así la posibilidad interpretativa de este medio. La representación cinematográfica tiene un lenguaje, es decir, un rico conjunto de códigos y convenciones que producen significados más allá de la narrativa. Por lo tanto, comprender el papel de elementos cinematográficos como el encuadre, el ángulo y el movimiento de cámara, entre otros, es crucial para entender la producción de la espacialidad fílmica. El paisaje, con sus significados estéticos y representacionales, se tomará como un concepto mediador en la aproximación entre Geografía y Cine, entre la representación y la experiencia del espacio.

Palabras clave

Geografía y cine; Paisaje; Geografía cultural

Introdução

O estudo do cinema pela Geografia se insere no contexto em que as representações artísticas passam a ser consideradas enquanto uma fonte de conhecimento das condições da existência humana no espaço geográfico. Seguindo a tradição visual da descrição da paisagem na Geografia, o cinema e outras representações artísticas se consolidam como objetos de pesquisa para a ciência geográfica nos anos de 1990. O interesse por parte de alguns geógrafos no cinema vem resultando em inúmeros trabalhos que se dedicam não só à análise de um único filme (ou gênero de filmes), mas também de proposições teórico-metodológicas que contribuem para o próprio desenvolvimento epistêmico e ontológico da Geografia.

Na interpretação geográfica do cinema, a paisagem é utilizada como um conceito "mediador" que abrange em si inúmeras definições e significados oriundos de distintos campos

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

do conhecimento científico e nas mais variadas representações artísticas. Para o presente estudo, o conceito interessa na medida em que permite essa aproximação entre a arte (cinema) e a ciência (Geografia).

Partindo da acepção do termo paisagem na Geografia, a paisagem cinematográfica — enquanto construção de uma retórica geográfica — é considerada como um conjunto de argumentos (sobretudo visuais, porém com apelo a outros sentidos) com enorme poder de transmitir uma impressão acerca do espaço representado. Portanto, a paisagem no cinema, além de conceito mediador, poderá ser tomada como uma nova forma de perceber o espaço geográfico.

Uma vez mapeados os caminhos abertos pelos geógrafos no campo do cinema, será analisado o papel da linguagem cinematográfica na construção da paisagem. O objetivo é entender o papel de elementos como enquadramento, ângulo e movimento de câmera, edição, uso da iluminação, das cores, entre outros, na produção da espacialidade fílmica.

Ao compreender como esses elementos da linguagem cinematográfica são utilizados, pode-se analisar de forma mais profunda como o espaço é representado e significado no cinema. Esse embasamento permite entender melhor a relação entre cinema e Geografia, bem como as possibilidades de diálogo entre essas duas áreas do conhecimento.

Uma Geografia visual

O uso da imagem para auxiliar na análise do espaço está presente desde o início da ciência geográfica. Neste sentido, Gomes (2017) afirma que “A Geografia é reconhecidamente uma disciplina visual” (Gomes, 2017, p. 142). Em acréscimo, Novaes (2011) afirma que o conhecimento geográfico tem sido constantemente apresentado como “uma forma especial de visualização”. No ensino de Geografia a imagem, geralmente acompanhando as descrições escritas do espaço, se destaca como um recurso pedagógico crucial para a disciplina.

Contudo, nos últimos anos cresce o número de estudiosos que tomam a imagem enquanto objeto de análise para a Geografia. Na busca de entender o espaço, a imagem não será abordada como um mero componente secundário, mas sim como elemento central na pesquisa geográfica (Gomes; Ribeiro, 2013).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Esse interesse renovado pelas imagens será possível se levarmos em consideração o período de renovação do arcabouço teórico-conceitual da Geografia. Para alguns autores, isto se deve justamente ao desenvolvimento epistemológico da nova Geografia cultural, que estimula a produção de novos temas de pesquisa, trazendo uma renovação para o âmbito da ciência geográfica.

> Hoje, inspirados nessa geografia cultural, é possível discutir com legitimidade e sob um ponto de vista geográfico temas que, no passado recente, eram considerados completamente estranhos a esse domínio disciplinar e por isso tratados como não adequados de aí figurar (Gomes, 2008, p. 187).

Essa nova Geografia cede progressivamente aos estudos acerca dos componentes materiais, colocando sua ênfase na representação formal destes, ou seja, no que poderíamos chamar de paisagens imateriais e intangíveis (Lukinbeal, 2005). Nesse mesmo sentido, Corrêa e Rosendahl (2009) afirmam que as novas bases epistêmicas decorrentes da renovação da Geografia Cultural atraem os geógrafos ao estudo dos meios artísticos.

> A partir da renovação da geografia cultural, na qual "significado" passou a constituir-se em "palavra-chave", cinema, música, literatura, pintura e outras artes tornaram-se relevantes para os geógrafos, agora dotados de outras bases epistemológicas, teóricas e metodológicas que lhes permitem interpretar representações construídas pelos outros (Corrêa; Rosendahl, 2009, p. 8).

Nas décadas de 1980 e 1990, autores da Geografia cultural anglófona ressaltam a paisagem enquanto uma construção social, "[...] uma consequência de como pessoas, particularmente pessoas de grupos dominantes, criam, representam e interpretam paisagens baseadas no olhar que eles mesmos têm do mundo e das relações com outros" (Morin, 2009, p. 290). Isso sem desconsiderar que há sempre espaço para a contestação da autoridade.

Neste sentido, os estudos recentes acerca da paisagem incluem o componente político, destacando os conflitos sociais e culturais (Mitchell[2], 2003 *apud* Morin, 2009). Tal concepção compreenderá os estudos das representações como construções sociais que podem ser observadas sob a ótica da espacialidade.

[2] MITCHELL, D. "Cultural landscapes: just landscapes or landscape of justice?" *In*: **Progress in Human Geography**, p. 787-796, 2003.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Dessa forma, as representações paisagísticas contêm diferentes intencionalidades e podem assumir diferentes formas e funções. Portanto, cabe ao geógrafo contextualizar as diferentes variáveis que envolvem uma produção artística/representacional, desde o autor à audiência, bem como as relações empregadas para comunicar significados, analisando o processo pelo qual os significados veiculados convençam o público (Mitchell, 2003 *apud* Morin, 2009).

Evidentemente, pode-se usar como instrumento de análise uma série de expressões artísticas, tais como a música, a fotografia e a literatura, mas o cinema tem a vantagem de poder agregar várias formas de linguagem e de se comunicar com maior profundidade e envolvimento do que outros meios (Campos, 2006).

As interpretações desenvolvidas por geógrafos convocam o debate acerca do uso do meio cinematográfico como possibilidade de interpretar o espaço. Neste sentido, empreenderemos um sucinto levantamento de como alguns autores estudam o cinema do ponto de vista teórico e metodológico.

Esses estudos lançam mão de distintas bases epistêmicas para construir uma mediação entre os campos da geografia e do cinema. Eles se diferenciam também no tempo e no espaço, compreendendo autores estrangeiros e brasileiros de diferentes escolas, compreendidas entre as décadas de 1990 e 2010. De modo geral, esses estudos buscam compreender as possibilidades de diálogo entre a geografia e o cinema na construção de interpretações sobre o espaço.

Geografia Cultural e o Cinema

Primeiramente é preciso ter em mente que os meios de comunicação não devem ser considerados apenas como um mero veículo de entretenimento e de lazer. São também fontes de conhecimento de mundo, como afirma Reali (2007), quando define a mídia como uma instituição pedagógica equiparada ao aprendizado familiar e religioso.

A mídia de modo geral — e o cinema em especial — tem atraído a atenção de educadores das mais distintas áreas do saber (inclusive da Geografia) como fonte de conhecimento. Portanto, assistir a um filme não é uma atividade neutra, sem nenhum efeito sobre o espectador, mas sim uma atividade política, assim como sua produção e distribuição:

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

> Quanto mais o sujeito estiver equipado para "dialogar" com o filme (concordar, duvidar, contrapor-se, conhecer, reconhecer, discordar etc.), mais ativa também será sua "aprendizagem", mais amplo se tornará seu campo cognitivo. O cinema se transforma em uma riquíssima ferramenta de análise, reflexão e compreensão do mundo e da humanidade, podendo transformar-se em verdadeiro debate coletivo (Reali, 2007, p. 134-135).

Seguindo essa concepção, o cinema não é visto como uma narrativa que conteria uma verdade absoluta, sendo passível de gerar ação reflexiva e interpretativa dos espectadores. Nessa perspectiva, o entendimento básico do complexo sistema cinematográfico e seus elementos, como roteiro, edição, fotografia, iluminação e som, é um importante meio para uma análise crítica de uma determinada "construção" da realidade filmada. Mais que reproduzir, a gama de processos envolvidos no *modus operandi* do cinema possibilita dotar o espaço geográfico de conteúdo "aurático", ou ampliá-lo de forma ímpar e contundente (Name, 2013).

Segundo Gamir Orueta e Valdés (2007) existem três linhas de pesquisa na interface entre a Geografia e o cinema. Uma primeira aproximação procede do **Ensino da Geografia** (*Didáctica de La Geografía*) — Já na década de 1950, no contexto anglo saxão, os filmes chamam atenção acerca das possibilidades pedagógicas. O cinema ou qualquer produção audiovisual (como documentários) são recursos bastante utilizados na prática educativa da Geografia, no entanto, poucas reflexões críticas são desenvolvidas nesse âmbito (Campos, 2006).

A segunda linha, que costuma ser negligenciada, parte da **Geografia Econômica** estudando o cinema enquanto uma relevante indústria cultural. Realiza trabalhos com a finalidade de destacar a importância desta "indústria" e mostrar suas pautas de distribuição e localização (Christopherson; Storper, 1986; Scott, 2002, 2004; Gámir, 2005) se envolvendo também com a geografia urbana, levando em consideração a distribuição de salas na cidade (Gámir, 2001).

Por fim, um terceiro grupo de trabalhos procede da **Geografia Cultural** e se centra na criação e difusão de imagens geográficas. A produção geográfica demarcada neste segmento apresenta uma considerável variedade de enfoques e de conteúdos, partindo de trabalhos pioneiros como Kemal e Gaskell (1993) e os já citados Burguess e Gold (1985) e Aitken e Zonn (1994).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

É importante destacar que deste último procedem duas correntes interpretativas. A primeira delas, a *estadunidense*, considera a comunicação como um processo mediante a qual se transmite uma mensagem a distância. Sob está abordagem, a indústria cinematográfica estadunidense se encontra interessada na produção de estereótipos, seja de sociedades o de lugares (Gámir Orueta; Valdés, 2007). Já a *interpretação europeia* conceitua a comunicação como um processo através do qual uma determinada cultura é criada, modificada e transformada. As análises da representação fílmica devem, assim, constituir uma prioridade para os geógrafos que pretendam entender a sociedade pós-moderna.

Alguns autores destacam o interesse comum entre a Geografia e o cinema. Para (Konstantarakos, 2000). Assim, "Pesquisar sobre filmes cai bem dentro do propósito da geografia humana. Filmes tratam de espaço e tempo, bem como, sua construção de lugar e significado" (Kennedy; Lukinbeal, 1997 p. 33). Neste sentido, Lacoste (1999) afirma:

> Na verdade, a lógica da geografia, pode-se dizer, parece muito próximo ao do cinema. Geografia, etimologicamente, significa em grego (como geografia remonta a Heródoto há 2500 anos) desenhar, representando a Terra. Representando a superfície da terra, não são apenas os mapas, mas também paisagens (e são elas que estamos atualmente interessados), como mostrado nos desenhos e pinturas durante séculos, e, hoje em dia, em fotografia e filmes. Sem dúvida, é o cinema que hoje mais contribuí para desenvolver a sensibilidade paisagística para uma parte da população, sensibilidade que não existia antes[3] (Lacoste, 1999. p. 155, tradução nossa)

Apesar de distintos modelos de se estudar cinema e Geografia, o recurso mais empregado pelos autores para a reflexão crítica dos filmes estaria na interpretação da paisagem transformada em pura imagem (Barbosa, 1998). Donde se conclui que o conceito chave para se estudar cinema na Geografia é paisagem: A "[...] paisagem é central na formação do espaço cinematográfico[4]" (Lukinbeal, 2005, p. 3). O foco geográfico seria "[...] a ênfase no processo

[3] No original: "En effet, la raison d'être de la géographie, pourrait-on dire, me parait très proche de celle du cinéma. Étymologiquement géographie, cela veut dire en grec (car la géographie remonte en fait à Hérodote il y a 2500 ans) dessiner, représenter la Terre. Représenter la surface terrestre, ce ne sont pas seulement les cartes, mais aussi les paysages (et ce sont eux qui nous intéressent présentement) tels que les montrent depuis des siècles le dessin, la peinture et, de nos jours, la photographie, le film. Sans doute est-ce le cinéma qui aujourd'hui contribue le plus à développer la sensibilité aux paysages d'une part de plus en plus grande de la population, sensibilité qui n'existait guère autrefois".

[4] No original: "[…] landscape is central in the formation of cinematic space".

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

de construção das representações de paisagens culturais por intermédio da obra fílmica" (Maciel, 2005, p. 4).

Leituras da paisagem cinematográfica

Em meados dos anos 1990 inauguram-se novos estudos acerca das possibilidades interpretativas da dimensão espacial em produções cinematográficas. Partindo dos autores (Aitken; Zonn, 2009) que organizaram uma publicação[5] pioneira que reúne diversos artigos que buscam analisar a relação entre Geografia e o Cinema, este campo de estudos cresce no Brasil no final da década dos anos 2000.

Para Aitken e Zonn (2009), a análise fílmica é feita com a descrição de um *plano sequência*[6] de um determinado filme, relacionando imediatamente a paisagem com o personagem. Em seguida, são apresentados a obra, o diretor, seus prêmios e, posteriormente, descreve-se uma breve sinopse. "A estória de Paris, Texas (1984) gira em torno da busca de Travis por seu *self* [por seu próprio 'eu'] e pela família, em um terreno improdutivo de mitos norte-americanos: o deserto como a última fronteira, a liberdade do automóvel e do homem nômade e o santuário da família nuclear" (Aitken; Zonn, 2009, p. 16).

Trata-se de um filme de viagem (gênero *Road movie*), no qual o deslocamento é entendido como uma experiência fenomenológica que intensifica a noção de lugar, uma busca existencial para o passado e um espírito de fronteira que olha a diante. Os autores destacam a importância da representação cinemática para o entendimento de nosso lugar no mundo, e que os geógrafos podem oferecer importantes subsídios para a teoria crítica do cinema.

> A maneira como são utilizados os espaços e como são retratados os lugares no cinema reflete normas culturais, costumes morais, estruturas sociais e ideologias preponderantes. Concomitantemente o impacto de um filme sobre um público pode moldar experiências sociais culturais e ambientais (Aitken; Zonn, 2009, p. 19).

O foco teórico é a relação entre imagem e representação como uma forma de entender o filme pelo viés geográfico: "[...] a representação consolida uma série de estruturas sociais que

[5]AITKEN, S. C.; ZONN, L.E. (orgs.). **Place, power, situation, and spectacle:** a geography of film. Lanham: Rowman&Littlefield, 1994.
[6] Trata-se de um plano longo para representar o equivalente de uma sequência. Uma ação completa rodada de uma vez, sem cortes que possui unidade dramática (Amount; Marie, 2006).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

ajudam os indivíduos a compreender ambientes que de outro modo seriam caóticos e aleatórios e a se definirem e se localizarem em relação a esses ambientes" (Aitken; Zonn, 2009, p. 21). Em seguida, lançam mão de autores como Massey, Dear, Harvey e Soja como base coerente para a teoria contemporânea (pós-moderna) da Geografia.

Como se trata de um artigo de caráter introdutório, Aitken e Zonn apontam trabalhos pioneiros na Geografia anglo-saxã acerca da descrição de paisagens culturais representadas por meios de comunicação em massa. Destacando *Geography, the media, and popular culture*[7], organizado por Burgess e Gold e publicado em 1985, como uma das primeiras tentativas em conciliar Geografia e estudos de mídia centrada em duas correntes — mídia e normas culturais e políticas (estruturalista, semiótico) e mídia e comportamento individual (psicologia social e cognitiva).

Expondo o caráter "mimético" do filme e sua capacidade de criar um modelo fictício do mundo, de construir uma *realidade* tanto na *mis-en-scène* da ficção ou do cenário "autêntico" do documentário, incorporando um conjunto de estratégias narrativas. A capacidade de um filme produzir sentido "[...] não deriva do grau de 'realismo', mas da construção bem sucedida de uma série de convenções narrativas" (Aitken; Zonn, 2009, p. 39), bem como o menosprezo ou desconstrução da convenção narrativa rebatem os discursos dominantes. Aliado à participação ativa do espectador (dinâmica e mutável), a compreensão espacial e temporal do filme não causa estranhamento. A câmera não reflete a realidade, mas elabora sentido, discurso e ideologia, sendo passível de ser contestada.

Jeff Hopkins (2009) apresenta um estudo que busca levar em consideração a preocupação geográfica com a paisagem e fundamentar teoricamente a produção e consumo da imagem fílmica. A análise recaiu em processos "semióticos" que criam a imagem fílmica, que deve ser tratada enquanto uma paisagem semiótica, ou seja, como uma construção humana, cultural de signos e sistemas de signos sistematicamente relacionados. A paisagem, na perspectiva do autor, é um conceito fundamental para o geógrafo empreender uma análise cinematográfica, buscando assim uma paisagem fílmica/cinematográfica.

[7] BURGESS, J.; GOLD, J. R. (Orgs.). **Geography, the media, and popular culture**. New York: St. Martin's Press, 1985.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Essa paisagem será a representação fílmica de um meio ambiente real ou imaginado/visualizado por um espectador. Constitui-se assim um complexo sistema de signos auriculares e visuais criados por quem faz cinema, pelo meio de expressão e pela audiência. Assim como Aitken e Zonn, Hopkins destaca o poder do público de cinema que reside na capacidade de vivenciar o filme criticamente.

Neste sentido, Azevedo (2009) entende que a "Geografia do cinema" se desenvolve na esfera de trabalhos de geógrafos como Doreen Massey e Denis Cosgrove, ou seja, com a análise dos significados de lugares por meio de diferentes produtos culturais que interferem na interação entre os indivíduos e o espaço, refletindo estruturas de poder e ideologias.

A análise do cinema como produto cultural recai em alguns temas, no entanto, para efeito deste debate, nos afinaremos à análise da paisagem cinemática como representação cultural: "Enquanto produto cultural e forma de arte, cada filme proporciona um mapa de itinerários e trajetórias vivas, envolvendo seus habitantes temporários e seus viajantes nas mais diversas práticas espaciais" (Azevedo, 2009, p. 122)

No Brasil, Jorge Luiz Barbosa é um dos primeiros geógrafos a adentrar neste novo campo, contribuindo com uma série de artigos e um livro sobre o tema da Geografia e o cinema. Em 1998, publicou o artigo intitulado "Paisagens americanas: imagens e representações do *wilderness*", no qual questiona como o mito da natureza selvagem norte-americana foi utilizado e re-significado pela cinematografia estadunidense.

Ao destacar o enfoque das produções nas paisagens naturais do Oeste americano (montanhas, planícies e desertos), o autor indica caminhos a serem seguidos pelo geógrafo interessado no meio cinematográfico como campo de negociação cultural acerca dos "modos de ver", imaginar e simbolizar espaços regionais de grande importância para as identidades nacionais. O autor destaca o gênero *western* hollywoodiano como re-criador do mito do *wilderness*, associando o gênero com produções posteriores que abordam a região, além das obras que enfocavam paisagens do Sul americano, indicando diferentes significados:

> [...] as paisagens do Oeste e do Sul revelam, na superfície de suas diferenças, formas de percepção, concepção e ação instituidoras dos destinos de uma civilização. A monocromia melancólica do Sul e a policromia esfuziante do Oeste traçam as fronteiras do *american dream* (Barbosa, 1998 p. 50).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

O autor revisa o conceito de paisagem, partindo das concepções clássicas de Vidal de La Blache, Pierre George e Olivier Dolfuss,[8] destacando que "[...] na tradição dos estudos geográficos, a paisagem é definida como um campo da visibilidade". Todavia, o olhar "não é somente o exercício de um sentido (visão), é também uma produção de sentido (significação)" (Ronai[9]*apud* Barbosa, 1998, p. 44). Em seguida destaca-se que o entendimento conceitual da paisagem compatível com a abordagem cinematográfica é oferecido mais diretamente pelos geógrafos franceses, utilizando-se dos conceitos de Augustin Berque[10] e Paul Claval[11], como descreve o autor:

> Visível e concebida. Marca e Matriz. Sentido da relação de uma sociedade com a natureza, a paisagem é o registro gravado de uma civilização. [...] paisagem é produto como também suporte da cultura, porque é veículo de mitos, tradições, valores [...] que contribuem para transferir saber, crenças, sonhos e atitudes sociais de uma geração a outra (Barbosa, 1998, p. 44).

Como quer que seja, o conceito de paisagem é retomado e desenvolvido pelos geógrafos, criando uma possível definição de "paisagem cinematográfica" que compactua com a perspectiva de Cosgrove (2002), segundo a qual a paisagem na geografia humana está intimamente vinculada com a cultura, sendo uma "maneira de ver" carregada de sentido e de simbolismo.

Nesta perspectiva, abre-se para o geógrafo a possibilidade de atribuir às imagens de uma determinada película o caráter de uma seleção (intencional ou não) de "maneiras de ver" carregada de sentido e simbolismo de uma dada sociedade. Segundo Name (2013) um filme é espaço geográfico gravado, é indistinto do que é espaço geográfico "real", seus significados fundem-se e confundem-se.

A linguagem cinematográfica e a produção do espaço

[8] DOLFUSS, O. **A análise geográfica**. São Paulo: DIFEL. 1973
[9] RONAI, M. **Paysages**. Herodote, n. 1, 1976, p. 125-159.
[10] BERQUE, A. **Les Raisons Du Paysage**. Paris: Hazan, 1995; BERQUE, A. "Paysage-empreinte, paysage-matrice: Eléments de problématique, por une géographie culturalle." *In:* **L'espace Geographique,** TOMO XIII, Paris, 1983.
[11] CLAVAL, P. "Champs e perspectives de la geographie culturelle." *In:* **Geographie et cultures**, n.1, 1992.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Quando lidamos com imagem, evidentemente não estamos lidando apenas com o objeto ou o conceito que esta representa, mas também com *o modo em que está sendo representada*. A representação audiovisual possui uma linguagem, um conjunto de códigos e convenções que produz sentidos (Tuner, 1997).

Assim, uma determinada produção cinematográfica pode mobilizar diferentes técnicas que influenciarão na construção da espacialidade. Por isso, para analisar a Geografia do cinema é imprescindível o geógrafo entender algumas das linguagens que compõe um documento fílmico.

Neste sentido, Gamir Orueta (2012) defende a necessidade de o geógrafo se apropriar dos mecanismos de funcionamento de um meio que se tornou "[...] o instrumento mais poderoso para a difusão de espaços geográficos" (Gámir Orueta, 2012). Por isso a "desconstrução" da linguagem cinematográfica é necessária para fazer desse meio uma forma de conhecimento geográfico.

Ao aliar o uso da imagem em movimento à posterior incorporação do som, o cinema desenvolve seus próprios sistemas de signos, um rico conjunto de código e convenções, tais como a edição, o enquadramento da câmera e a iluminação. A compreensão de características peculiares ao meio cinematográfico passa por uma leitura pouco usual e desafiadora para o geógrafo.

Considerando a linguagem cinematográfica, Costa (2005) realiza um profícuo diálogo com a Geografia cultural, sugerindo uma metodologia para o entendimento do que se conhece por "Geografia fílmica". A partir daí, indica que sejam privilegiados ângulos de análise considerando: o cineasta (quem dirige e quem produz o filme); a estrutura fílmica (o que acontece no filme? Como temas, personagens e locações são inseridos? Como começa e termina?), as locações e os cenários (quais espaços são privilegiados, o que significam e que personagens povoam esses espaços), o "trabalho" da câmera cinematográfica (como o posicionamento da câmera a estética e a composição das imagens influencia o conteúdo das visões de um determinado espaço), o som (como diálogos, música e som ambiente contribuem para o desenvolvimento da trama), a intertextualidade (filmes são influenciados por outros

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

filmes e outros tipos de textos) e a recepção (pode ser feito por entrevista direta com a audiência ou revisar comentários publicados em periódicos).

Para Alvarenga (2011), a montagem é um componente crucial na construção espaço-temporal do filme. Ou seja, o autor busca retratar como as manipulações dos planos cinematográficos podem elaborar uma "Geografia criativa" própria ao meio cinematográfico.

Tendo em mente que uma produção cinematográfica "[...] é uma obra fragmentária e descontínua, concebida e realizada em pequenas partes" (Marques, 2007), a montagem será eleita como uma técnica fundamental na construção da espacialidade, comprimindo o espaço em função do tempo ou o inverso. Neste sentido, o cinema é a impressão de movimento pela sequência no tempo de imagens projetadas sobre um mesmo espaço (Gomes, 2013).

Partindo das análises e experiências de cineastas soviéticos dos anos 1920, verifica-se a capacidade que o cinema tem na elaboração de um novo espaço: "[...] puramente imagéticos, a partir da colagem de imagens de fragmentos do espaço capturados do mundo físico" (Alvarenga, 2011).

O cinema pode manipular espaços, justapô-los, de modo a configurar um espaço único, próprio do filme (Name, 2013). Neste sentido, o plano-sequência é uma opção que valoriza naturalmente o espaço, porque não o fragmenta. "Além disso, garante maior realismo, pois mantém acontecimentos importantes para a narrativa dentro da mesma unidade espaço-temporal" (Martins, 2014, p. 32).

O enquadramento, ou seja, a posição e o movimento da câmera, é também um dos elementos mais destacados nas análises da espacialidade fílmica. Para Gámir Orueta (2012), filmar é escolher um trecho do espaço (campo) por meio de um quadro elaborando um *espaço diegético*. Os deslocamentos de câmera e dos objetos filmados elaboram uma impressão da realidade própria à sétima arte, possibilitando uma vivência próxima e empírica (Name, 2013).

A noção de enquadramento (moldura) é familiar à pintura e aparece no cinema para designar o conjunto do processo mental e material pelo qual se chega a uma imagem que contém certo campo visto de certo ângulo (Aumont; Marie, 2006). Neste sentido, enquadrar

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

no cinema é um processo de seleção de um determinado espaço pela câmera, que dependerá do manejo, formato de tela, movimento e ângulo.

O enquadramento é realizado em diferentes escalas, desde um plano muito fechado, que ponha em evidência objetos minúsculos, a planos abertos, que podem exibir uma ampla paisagem. O plano geral (ou plano aberto) costuma apresentar uma grande porção do espaço, e é comumente utilizado para apresentar a paisagem na qual decorre a narrativa.

> A paisagem no cinema vai ser um conjunto de planos esparsos e fragmentados que organizam a narrativa, dando-lhe ritmo ou emoldurando a ação dos personagens. A paisagem no cinema vai ser pontuação, relaxamento, pausa reflexiva, imagem poética, composição estética (Amancio, 2000, p. 49).

A apresentação do espaço por planos gerais é crucial para a produção espacial na narrativa. Algumas vezes, basta um ícone (como a Torre Eiffel) para sabermos que o filme se passa em Paris. Segundo Martin Lefebvre (2002) a paisagem "aparece" no filme em momentos em que o diretor tenha um interesse de exibi-la e que o espectador se encontre capacitado para apreciá-la. Desta forma, a capacidade de visualizar e identificar paisagens é inerente à pessoa e difere consoante as suas circunstâncias pessoais (idade, nível cultural, conhecimentos geográficos, experiências anteriores, etc.)[12]" (Gámir Orueta, 2012, p. 44).

Assim, Lefebvre identifica dois tipos de paisagem no filme: as *paisagens impuras*, que seriam próprias do modo narrativo, no qual o espectador se centra nos diálogos dos personagens e sua ação; e as *paisagens puras*, que são exibidas pelo filme de maneira "contemplativa", ou seja, quando o espaço é importante para a construção da própria narrativa.

A paisagem no filme parte da subjetividade de seus produtores, apontando os aspectos políticos e culturais que dialogarão com o referencial imagético do espectador — não esquecendo os sujeitos locais, figurantes e habitantes do espaço filmado. Desse modo, para a Geografia, a paisagem cinematográfica teria um sentido de mediação, de relação entre o observador e o espaço.

[12] No original: "De este modo, la capacidad para visualizar e identificar paisajes es inherente a la persona y difiere según sus circunstancias personales (edad, nivel cultural, conocimiento geográfico, experiencias previas, etc.)".

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

> A paisagem cinematográfica pode ser considerada como um conjunto de argumentos (sobretudo visuais, porém com apelo a outros sentidos) com enorme poder de transmitir uma impressão acerca do espaço representado, somando-se ao roteiro, trilha sonora,caracterização de personagens, direção de fotografia, edição, etc. (Maia Filho, 2013, p. 90).

A paisagem visualizada nos filmes é uma construção interpretativa, uma seleção de características do espaço, uma interposição entre as experiências individuais e coletivas, ao mesmo tempo materiais e simbólicas, sedimentadas por sua historicidade. A importância da representação midiática é abordada como elemento crucial na elaboração de uma geograficidade.

Como lembra Cosgrove (2002), a Geografia concerne ao mundo físico, que pode ser visto, mas a visão é mais DO que um processo óptico, envolvendo experiências no mundo através da imaginação e expressões em imagem. Portanto, o espaço midiatizado influencia na percepção do espaço vivido dos grupos sociais, de forma que a fotografia e cinema revolucionaram a transmissão de paisagens.

Considerações Finais

Na Geografia, o entendimento acerca do uso da imagem é crescente e ganha força com a renovação cultural na ciência. Torna-se cada vez mais evidente a grande possibilidade de diálogo existente entre a Geografia e as demais representações imagéticas.

As publicações de geógrafos interessados no cinema ilustram e apresentam diferentes formas de trabalhar com este meio, o que abre uma variedade de possibilidades para se estudar a temática. Dessa forma, diferentes formas de se trabalhar com o documento fílmico abrem o leque de oportunidade tanto para a pesquisa quanto para a prática educativa em Geografia. As narrativas fílmicas contribuem para as experiências e percepções socioterritoriais de um determinado espaço, integrando um esquema explicativo ou interpretativo do espaço geográfico.

Cabe salientar que, apesar das distintas formas de analisar filmes, a categoria paisagem se destaca na mediação entre os dois campos, pois seria a maneira mais imediata de chegar às primeiras perguntas inquiridas por um olhar geográfico. A produção audiovisual pode ser um meio de estudo da captação e expressão da “atmosfera” histórico-geográfica e social de uma

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

região ou território. Conceito caro à Geografia, a paisagem deve ganhar novos sentidos e aplicações no estudo de imagens produzidas em um universo ficcional.

Através dos elementos técnicos de produção, destacadamente a fotografia, edição e montagem, o cinema pode cortar, juntar, somar, esconder e destacar determinadas porções do espaço, ou seja, o cinema cria sua própria espacialidade. A fotografia saturada de um cenário fílmico, por exemplo, pode ser usada para ressaltar a aridez de uma paisagem, como no filme *Cinema, aspirinas e urubus*[13] (2005). A paisagem construída no filme depende de muitos elementos técnicos, e apresenta o modo de ver dos produtores ao representar uma determinada porção do espaço.

Apesar de pouco usual, é importante que os geógrafos que desejam estudar o cinema se debrucem em leituras oriundas da área da comunicação. Isso permite compreender melhor as linguagens que compõem um documento fílmico. Além disso, os geógrafos podem passar a produzir seus próprios conteúdos audiovisuais. Trata-se de um amplo campo de estudo com diversas possibilidades interpretativas sobre o espaço e a sociedade. Portanto, o diálogo entre Geografia e cinema abre caminhos para interpretações inovadoras sobre a espacialidade, permitindo aos geógrafos ampliar seus métodos de pesquisa e ensino.

Bibliografia

AITKEN, S. C; ZONN, L. E. "Re-apresentando o lugar Pastiche." *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p. 15-58.

ALVARENGA, A. L. A geografia criativa do cinema: o papel da montagem na construção dos espaços fílmicos. *In*: **Espaço Aberto**, PPGG/UFRJ, V. 1, N.2. 2011. p. 39-54.

AUMONT, J.; MARIE, M. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

AZEVEDO, A. F. Geografia e cinema. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p. 95-127.

BARBOSA. J. L. "Paisagens Americanas: Imagens e Representações do Wilderness". *In*: **Espaço e Cultura.** Rio de Janeiro, vol. V, 1998, p. 43-53.

[13] *Cinema, aspirinas e urubus* (Marcelo Gomes, 2005, Brasil).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

CAMPOS, R. R. Cinema, Geografia e Sala de Aula. *In*: **Estudos Geográficos**, vol. IV, 2006, p. 1-22

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Cinema, música e espaço – uma introdução. *In:* CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

COSGROVE, D. Observando la naturaleza: el paisaje y el sentido europeo de la vista. *In*: **Boletín de la A.G.E**. N.º 34 - 2002, p. 63-89.

COSTA, M. H. B. V. Geografia Cultural e Cinema: Práticas, Teorias e Métodos. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia:** Temas sobre Cultura e Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p. 43-78.

GÁMIR ORUETA, A. La consideración del espacio geográfico y el paisaje em el cine. *In*: **Scripta Nova**. Vol XVI, nº 403, 1 de junio de 2012.

GÁMIR ORUETA, A.; VALDÉS, C. M. Cine y geografía: espacio geográfico, paisaje y territorio en las producciones cinematográficas. *In*: **Boletín de la A.G.E**. n.º 45, 2007. pp. 157-190.

GOMES, P. C. C. **Quadros geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2017.

GOMES, P. C. C. **O lugar do olhar**: elementos para uma Geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOMES, P. C. C.; RIBEIRO, L. P. A produção de imagens para a pesquisa em geografia. *In*: **Espaço e Cultura** (UERJ/NEPEC), nº 33, Rio de Janeiro. p. 27-42, 2013.

GOMES, P. C. C. Cenários para a Geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs). **Espaço e cultura**: Pluralidade Temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 187-209.

HOPKINS, J. Um mapeamento de lugares cinemáticos: ícones, ideologia e o poder da representação enganosa. *In*: CORRÊA, R. L..; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, [1994] 2009. p. 59-94.

KENNEDY, C.; LUKINBEAL, C. Towards a holistic approach to geographic research on film. *In*: **Progress in Human Geography**, n. 21, 1997. p. 33-50.

KONSTANTARAKOS, M. (Ed.). **Spaces in european cinema**. Intellect Books: Exeter. 2000, p. 1-7.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

LACOSTE, Y. Westerns et géopolitique. *In*: MOTTET, J. (ed.). **Les Paysages du cinema**. Seyssel: Champ Vallon, 1999, pp. 154-163.

LEFEBVRE, M. **Landscape and film**. New York: AFI, 2002

LUKINBEAL, C. Cinematic Landscapes. **Journal of Cultural Geography** v.23, n.1, 2005, p. 3-22.

MACIEL, C. A. A. Espaços públicos e geo-simbolismos na "cidade-estuário": rios, pontes paisagens do Recife.*In*: **Revista de Geografia**. Recife: UFPE/DCG-NAPA, v.22, n.1, 2005, p. 12-20.

MAIA FILHO, P. P. P. Outsiders na caatinga: representações cinematográficas do semiárido nordestino através do "olhar estrangeiro". *In*: **Espaço e Cultura**, p. 87-110, 2013.

MARTINS, I. M. **A paisagem no cinema de Wim Wenders**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014. 184 p.

NAME, L. **Geografia pop**: o cinema e o outro. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Apicuri, 2013. 192 p.

NOVAES, A. R. Uma geografia visual? Contribuições para o uso das imagens na difusão do conhecimento geográfico. *In*: **Espaço e Cultura**, n. 30, p. 6-18, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/4949/3655>. Acesso em: 01 jul. 2019.

MORIN, K. M. Landscape: representing and interpreting the world. *In*: CLIFFORD, J. N.; HLLOWAY, S.; RICE, S. P.; VALENTINE, G. **Key concepts in geography**. *SAGE Publications Ltd.* 2009.

REALI, N. G. **Cinema na universidade**: possibilidades, diálogos e diferenças. Chapecó: Editora: Argos (UnoChapeco), 2007.

TURNER, G. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. Esquadrinhando a Paisagem Cinematográfica: uma análise das leituras geográficas do cinema. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 11, nº 24, e-112417, 2024.
Submissão em: 11/04/2024. Aceito em: 17/07/2024.
ISSN: 2316-8544
Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons